

Habitar a cidade, a via pública e a luz da meia noite

To inhabit the city, the streets and the midnight light

Anselmo Clemente; Maria Cristina Campello Lavrador

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO:

A problemática que nos incita a escrever a duas mãos diz respeito à cidade, a rua, ao espaço público e à possibilidade de encontro entre os corpos/afetos. Trata-se aqui de uma cidade sensível, com certa nuance subjetiva e até clandestina em alguns aspectos, que traz à cena o pulsar da vida urbana em seus processos de subjetivação. Bem como se trata de inquietar os personagens com indagações sobre o a noção de público e de privado. A literatura também comparece no texto pela contribuição narrativa das crônicas de João do Rio e Ribeiro Couto, às quais se agrega a experiência de cidade do personagem Carlos, no filme São Paulo Sociedade Anônima. Todos eles inspiraram esta experimentação de tema/escrita em que interessa a experiência da cidade com seus personagens ficcionais. Nas passagens escritas em estilo narrativo, pouco importa quais são seus nomes ou lugares em que se inserem. Importa o movimento/encontro dos afetos e as vibrações que atravessam os corpos e produzem experiências.

Palavras-chave: cidade; subjetividade; espaço público; prática narrativa

ABSTRACT:

The issue that encourages us to co-author concerns the city, the streets, public spaces and the possibility of the encounter between bodies/affections. It is about a sensitive city, its subjectivity aspect and even illegal situations that bring to light the pulse of urban life in its processes of subjectivities. As well as to unease the characters with questions about the notion of public and private. Literature is also presented in the text by the narrative contribution of the chronicles by João do Rio (2003) and Ribeiro Couto (1924) and the urban experience of the character Carlos from the movie “São Paulo, Sociedade Anônima” that inspired this attempt at subject writing on the city experience with its fictional characters. In the passages written in narrative style it doesn't matter what their names are or where they live. What matters is the movement/encounter of affections and the vibrations that go through bodies and produce experience.

Key-words: city; subjectivity; public space; narrative practice

Introdução

A problemática que nos incita a escrever a duas mãos diz respeito à cidade, à rua, ao espaço público e à possibilidade de encontro entre os corpos/afectos¹. Trata-se aqui de uma cidade sensível, com certa nuance subjetiva e até clandestina em alguns

aspectos, que traz à cena o pulsar da vida urbana em seus processos de subjetivação. Bem como se trata de inquietar os personagens com indagações sobre o urbano em nós e sobre a noção de ‘público’, de via pública e suas diferenças quanto à noção de privado.

Vamos traçar brevemente e historicamente a relação entre público e privado a partir dos estudos de Richard Sennett (1988).

Os primeiros usos da palavra ‘público’ em inglês significavam o bem comum na sociedade. Depois de algumas décadas lhe foi acrescentado o sentido daquilo que é manifesto e está aberto à observação geral. Entre o século XVII e o século XVIII, a oposição entre ‘público’ e ‘privado’ era clara, isto é, público significava aberto à observação de qualquer pessoa e privado significava um território protegido da vida, que era definido pela família e pelos amigos. No século XVIII o público e o privado eram dois lados de uma mesma moeda.

De acordo com Sennett (1988), três forças agiram na mudança das ideias de privado e de público no século XIX:

1) O duplo relacionamento do capitalismo industrial com a cultura pública nas grandes cidades, que se caracterizava pelas pressões de privatização suscitadas na sociedade burguesa e pela mistificação da vida material em público. O impacto do capitalismo teria produzido a busca de proteção no domínio privado. Dessa forma, a família idealizada como fonte de segurança foi se afirmando. Gradativamente, a família vai se tornando um parâmetro moral para se medir o domínio público. Tal fato ocorre, em grande parte, em face dessa ordem idealizada de privacidade e estabilidade no espaço familiar e, como decorrência disto, a legitimidade da ordem pública foi sendo colocada em questão. Os padrões de produção em massa de roupas levaram grande parte dos cosmopolitas a adotarem uma aparência semelhante e as marcas públicas perdiam suas formas supostamente únicas. As mercadorias eram revestidas de qualidades humanas e de atributos próprios à personalidade íntima como um modo de fugir da uniformidade. A ilusão de que se é o único em meio à homogeneização da aparência fica estremecida. Aliás, este ideal de ‘singularidade singular’ é bastante premente na atualidade.

2) A reformulação do secularismo em termos de crença sobre a vida terrena, que modificou o modo como as pessoas interpretavam o desconhecido, o estrangeiro. A cultura pública urbana do Antigo Regime, apesar de se manter aparentemente intacta, vai se transformando por dentro. Em oposição ao código transcendente, surgia um novo

secularismo que se baseava em um código imanente. Os fatos, os sentimentos, as sensações e as emoções imediatas eram compreendidos e explicados em si e por si mesmos. Essa passagem teve impacto forte sobre a vida pública. Isto porque, se tudo tem significação em si mesmo, não se pode distinguir o que diz respeito às circunstâncias pessoais que se relacionam com a experiência imediata, e o que é impessoal. Não se consegue traçar um limite entre o domínio privado e o domínio público. Tal fato não significa que o domínio público tenha desaparecido, mas que foi se desgastando na sua especificidade impessoal. Pois qualquer sinal que despertasse sensação, emoção, era considerado como relevante, tanto no domínio público quanto no privado. Como consequência, o domínio privado vai se estendendo ao domínio público.

3) A cultura pública urbana contrabalançou as forças do secularismo, mantendo, até hoje, alguns sinais do domínio da vida pública. Pois era em público que a moral era violada e ao mesmo tempo tolerada, onde se podia romper as leis de responsabilidade; era em público que se podia fugir desse ideal de família, e também onde as pessoas podiam permanecer estranhas umas às outras. Para os homens, a imoralidade da vida pública significava liberdade, ao contrário das mulheres, que viam a vida pública como um espaço de insegurança. Além disso, a experiência adquirida em contato com estranhos vai se tornando imprescindível para a formação da 'personalidade'.

Na atualidade, cada vez mais, temos assistido a uma exacerbação tanto da noção de privado como da noção de público - ambas estão voltadas eminentemente para os interesses particulares, idiossincráticos, ou seja, do íntimo; enfim, do 'eu'. "O que é público vem se misturando a certa lógica de funcionamento e de significação do privado. O domínio privado transborda os espaços privados e se espalha pelos espaços públicos. As significações do domínio privado recobrem os espaços públicos e o domínio público constituindo uma mistura entre público e privado. Estaríamos diante de uma espécie de privatização do público ou de criação de um público privado. Talvez, a diluição da fronteira entre público e privado seja um dos efeitos do poder disciplinar, através de seus dispositivos de fabricação de individualidades" (LAVRADOR; MACHADO, 2000, p. 297-298).

O domínio público e o domínio privado não expressam momentos estáticos. "Falamos de público e privado como se fossem estados fixos, uma vez que assim é mais fácil abordá-los. Mas, de fato, eram elos evolucionários complexos" (SENNETT, 1988:

120). "Esse balanceamento estava estruturado por aquilo que hoje chamamos impessoalidade. Nem em público nem privativamente, 'os acidentes da personalidade individual' constituiriam um princípio social" (SENNETT, 1988: 128). Contudo, é nessa mesma época que começa a tomar forma a ideia da personalidade individual como um princípio social, que se expressará com mais força no século XIX.

 Não é por casualidade que a noção de público, muitas vezes, somente aparece como referência ao que é gratuito ou a espaços que mesmo sendo pagos permitiriam a circulação de um número maior de pessoas, como praças ou museus. Anteriormente, a palavra 'público' fazia referência ao que estava aberto à observação geral e ao que era o bem comum de uma sociedade, ao mesmo tempo designava um espaço regido pelos princípios da impessoalidade (LAVRADOR; MACHADO, 2000: 297).

 Na França, na época do Renascimento, o termo "público" era usado num sentido amplo, significando o bem comum do corpo político. Aos poucos foi se tornando também um território especial da sociabilidade. O termo "cosmopolita" surgiu mais cedo em inglês do que em francês, embora não fosse muito usado antes do século XVIII. Cosmopolita é o homem que se movimenta despreocupadamente em meio à diversidade, que se sente à vontade em situações sem nenhum vínculo com aquilo que lhe é familiar.

 Tanto no comportamento como na crença, os cidadãos das capitais do século XVIII tentaram definir o que era a vida pública, e a vida privada constituía um campo em que as exigências de civilidade - comportamento cosmopolita - eram confrontadas com as exigências da natureza - o centro era a família. Procuravam manter o equilíbrio desses domínios, pois se recusavam a ocupar-se de um em detrimento do outro.

 O fato de as pessoas se relacionarem com estranhos de uma forma emocionalmente satisfatória, e sem por isto manterem contato íntimo com elas, era visto como um meio pelo qual o animal humano tornava-se um ser social. A vida com a família ou com os amigos era considerada como potencialidade humana e não como criação humana, isto é, o homem se fazia em público e realizava sua natureza no domínio privado.

A Cidade Anônima: narrativas literárias e personagens ficcionais

 Entre o público e o privado nas formas de habitar a cidade, como diário de campo optamos por um modo de escrita em estilo narrativa em algumas partes do texto que estão sempre marcadas em itálico. A literatura também comparece pela contribuição

narrativa das crônicas de João do Rio (2003) e Ribeiro Couto (1924), à qual se conecta ainda a experiência de cidade do personagem Carlos no filme *São Paulo Sociedade Anônima*. Tudo isso inspirou esta experimentação de tema/escrita em que interessa a experiência da cidade com seus personagens ficcionais. Nas passagens escritas em estilo narrativo pouco importa quais são seus nomes ou lugares em que se inserem. Importa o movimento/encontro dos afetos e suas vibrações que atravessam os corpos e produzem experiências.

A criança e os apitos da fábrica

Nas proximidades da cidade, a Fábrica de Papel produzia incessantemente. Impetuosa em sua ação, seus trabalhadores revezam-se em pequenos exércitos que por turno não paravam a produção. Exaustos, intercalavam-se semanalmente em escalas que ocupavam as manhãs, as tardes, as noites e as madrugadas de suas vidas. No interior da fábrica, os galpões produziam como uma orquestra. Num olhar mais atento, havia certa áurea nevada no ar, formada por pequenas partículas de papel que aderiam aos corpos e cabelos de todos.

A Fábrica não podia parar. Próximo dali, um pouco afastada da rodovia, mais para dentro das estradas de chão, a corporação mantinha uma comunidade com cerca de dez casas com objetivo de ter alguns profissionais fundamentais, para que nada afetasse o funcionamento dia e noite de suas máquinas da cadeia produtiva do papel. Seus moradores a chamavam de “sitio”.

Habitavam o em torno da cidade, não podia se dizer que era urbano, mas nem tanto totalmente rural. A vida era mais próxima das coisas da terra. As famílias viviam em casas pequenas, todas iguais. Não havia muro, nem cerca entre as casas, e todos compartilhavam uma única linha telefônica. A pequena comunidade se alojava no meio do mato, que já se rareava pela ação do urbano que lentamente ao longo dos anos se aproximava. Primeiro, as matas deram lugar as roças, depois as roças deram lugar a granjas. As trilhas deram lugar a estradas de chão cada vez maiores e com mais qualidade até se asfaltarem.

A vida no “sitio” tinha muitos rituais: as crianças iam para a escola próxima dali, às margens da rodovia, e as esposas cuidavam da casa no mesmo horário. Os maridos saíam para trabalhar, todos na mesma Fábrica de Papel. À tarde, com todos almoçados, as donas de casa se juntavam em alguma das varandas das casas para por

o papo em dia, tricotar, se apoiarem ou divergirem. As crianças, em bando, inventavam as brincadeiras, gastavam o tempo e se perdiam até o anoitecer pelo meio do mato.

Certa vez, a Fábrica despejou restos da produção de papel nos arredores do sítio. A massa fétida, insólita e multicolorida, ainda úmida, compôs-se na paisagem entre as árvores. Na sua ronda matinal, as crianças descobriram a novidade e massa foi campo de brincadeiras durante um verão inteiro. Sendo palco de batalhas, combates, conspirações e tomadas de poder da vida infantil.

À noite, no absoluto silêncio e escuridão do “sítio” todos dormiam. O menino ainda sem sono ocasionalmente via o pai e mãe se agitarem já em horas adiantadas, sempre a partir de um “BIP”. O aparelho, mais moderno que um sino, convocava o trabalhador para irromper à madrugada e solucionar os problemas das máquinas engasgadas.

Depois da saída do pai, a noite voltava a silenciar-se. O menino curioso pensava para onde o pai ia depois daquele chamado e orgulha-se pelo pai portar um “BIP”, mas estranhava quando o pai retornava exausto às vezes dias depois.

Certa noite, perdido em seus pensamentos, enquanto todos dormiam e a quietude e a escuridão dominavam o menino indagava-se sobre o silêncio. Era uma noite particularmente quieta, nem os animais da noite, nem qualquer veículo veloz pela rodovia ousam romper seu manto com algum barulho.

Concentrado, o menino fez esforço, pois queria ouvir o barulho da cidade que já não estava tão longe assim. Certo dia, até já tinha fugido de bicicleta pra lá. Quando constatou que havia barulho no absoluto silêncio. Esticava o ouvido para tentar entender e percebia que ao longe o barulho era ritmado, composto por assovios entrecortados por metais. Satisfeito, entendeu que havia coisas por de trás do silêncio. Anos mais tarde, quando começou a trabalhar na mesma Fábrica que o pai. Já mais crescido, descobriu que aquele silêncio-orquestrado-das-madrugadas-sem-sono-da-infância tratava-se apenas do incessante Fábrica a produzir papéis em suas imensas engrenagens, bobinas e vapores.

Então se mudou para a cidade...

A Fábrica de papéis alegoricamente remonta o modo serializado com o que a cidade se aproxima da vida do menino, entendido aqui como pura potência que indaga a vida dos papéis estabelecidos. Fecha-se essa primeira parte com esta potência indo para dentro da cidade. Agora não mais como uma experiência de exterioridade à cidade e sim como algo paradoxal no cotidiano das ruas, como expressado nos trechos seguintes que,

assim como este, foram trabalhadas em estilo narrativo. Por cotidiano, tomamos como referência Michel de Certeau:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “*irracional*”, ou desta “*não história*”, como o diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível... (CERTEAU, 1996: 31).

Em seguida serão utilizadas as narrativas em forma de crônicas do cotidiano da cidade experienciada de João do Rio e de Ribeiro Couto. João do Rio (pseudônimo do jornalista Paulo Barreto), em seu livro *A alma encantadora das ruas* - uma reunião de textos publicados na imprensa carioca entre 1904 e 1907. Já Ribeiro Couto publica em 1924 o livro *A cidade do vício e da graça – vagabundagem pelo Rio noturno*. Ambos os escritores narram em suas crônicas o dia-a-dia das ruas, as transformações urbanísticas e os personagens mundanos que encontram em suas andanças pela cidade. Prevaecem nos textos boas indagações sobre o intenso processo de transformação da urbe, seus paradoxos e abstrações. Seus personagens, riquíssimos para se pensar a produção de subjetivações nas cidades do início do século XX, são ainda muito atuais e fundamentais para se entender determinados processos dos nossos cotidianos.

Os jardins dos poetas, ladrões, soldados e mendigos²

Não poder orientar-se em uma cidade não significa grande coisa. Mas se perder em uma cidade como quem se perde em uma floresta requer toda uma instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro (BENJAMIN, 1993: 73).

Há muito que o urbano tornou-se tema central nos debates sobre a vida que se vive. A cidade e os modos de existir que comporta e produz é foco de discussões vindas de todos os lados; no entanto, os discursos da segurança pública ganharam no

contemporâneo um caráter hegemônico sobre outros que dizem do urbano de modo diferenciado, os quais são tantas vezes abandonados e esquecidos. As questões da cidade contemporânea gestam lampejos históricos. Não são de todo novas, mas atualizam-se. Desse modo, propomos pensar a cidade literária e historicamente, conferindo relevo a tais discursos minoritários que são silenciados pelas urgências do agora. Interpelar a literatura e a história possibilita pensar a urbe de modo diferente, um deslocamento nos modos endurecidos de ver e experimentar a cidade.

Podemos tomar como exemplo o livro *A Cidade do Vício e da Graça - Vagabundagem pelo Rio noturno*, obra de Ribeiro Couto de 1924, que traça delicioso itinerário pelos bairros do Rio de Janeiro no início do século XX. Com humor e sarcasmo próprios à sua obra, o autor santista traduz nesse pequeno livro certo clima perpassando a cidade que se moderniza. Descreve com generosidade cenas cotidianas, seus passantes a transitar, a vida urbana noturna e as figuras com as quais esbarra pelo caminho em suas errâncias³. O escritor deixa assim entrever em seus textos um modo inusitado de experimentar o urbano. Diz ele da inquietude que o acomete fazendo buscar novas esquinas e farejar novas ruas: “Dentro de mim a alma do vagabundo sente o seu cativo delicioso. Ela bate as asas inquietas, todas as noites, em torno deste pedaço luminoso da cidade” (RIBEIRO COUTO, 1924: 17).

Na cidade retratada em suas crônicas, revelam-se as mudanças urbanísticas das ruas, praças, avenidas e demais espaços públicos que afetaram os modos de vida de seus habitantes. Nos textos de Ribeiro Couto, habitam não apenas os cidadãos comuns no vai e vem de casa para o trabalho, mas também as figuras pitorescas que se configuram nos espaços de trânsito da cidade ou perambulam altas horas da noite em determinados bairros. Em seu olhar soturno, o autor dirá: “A meia-noite é o princípio de uma vida diferente. Depois da meia-noite todas as criaturas têm a sua finalidade trágica marcada no rosto, ou no gesto, ou na voz. Todas se confessam sem querer” (RIBEIRO COUTO, 1924: 70). Atento às mudanças da cidade, presenteia-nos com um ótimo retrato sobre modos de viver o urbano, assim como seus dilemas que talvez ecoem sentidos em nosso tempo.

A cidade como a conhecemos – esta do ir e vir, da impossibilidade de permanecer, da velocidade e do empobrecimento dos encontros – não é de agora. O urbano se torna questão em meio ao século XIX, quando são colocados à vista problemas de gerenciamento das multidões, da concentração da população, do ritmo alucinado das fábricas e do vai e vem de pessoas e mercadorias. No entanto, as linhas

que organizam esse momento histórico e fazem explodir a cidade como acontecimentos podem ser seguidos até o nó de onde emerge o capitalismo, enquanto lógica de regulação da vida e das relações entre as pessoas. As cidades precisavam alargar suas ruas para que o fluxo fosse liberado, era preciso também localizar as regiões disseminadoras de males físicos e morais e extirpá-las do meio citadino. Nessa cidade do ir e vir – do urbano entendido como corpo –, seus órgãos deviam funcionar perfeitamente, privilegiando os fluxos e vendo com maus olhos tudo que demanda outra temporalidade. Nasce aqui também uma noção de periculosidade atrelada aos que permanecem ou lentificam; mais uma vez disse Ribeiro Couto (1924: 64): “Somos, somos suspeitos... Andar à noite por aqui é o mesmo que andar, há esta hora, por uma cidade sitiada. E afinal, não tenhas dúvidas, são eles mesmos, esses que têm cofres fortes a vigiar, são eles mesmos que se sitiam mutuamente. E são eles mesmos que sitiam as cidades”.

Por fim, o escritor ironiza um paradoxo que permeia os espaços públicos da cidade do ir e vir à sua época:

É sempre assim, os jardins vivem abandonados. Todos. Durante o dia, como agora, ao luar, pouca gente vem a um jardim, sentir a frescura das árvores. É preciso ser poeta, ladrão, soldado ou mendigo... Doçura dos jardins... Velha doçura dos jardins abandonados... É bem melhor que a cidade não os frequente! Felizes de nós, dos soldados, dos ladrões e dos mendigos (RIBEIRO COUTO, 1924: 45).

Sendo assim, de outro modo, o homem domiciliado que existe em nós se entrincheira cada vez mais contra o horror do caos, da noite e do desconhecido. “Sua casa encerra em suas paredes tudo que a humanidade pacientemente recolheu ao longo dos séculos” (EDELMAN apud PERROT, 2009: 285). Em oposição à fragilidade da nossa existência, organiza sua civilidade e de certa forma funda sua identidade. “Aquele que não possui nem eira nem beira, portanto nem fé nem lei, condensa em si toda” (EDELMAN apud PERROT, 2009: 285) inquietude da vagabundagem, guarda então o gesto revolucionário da fragilidade. Convocar a literatura e a história para a discussão acerca do urbano confere espessura e possibilidade crítica diante dos discursos homogeneizantes. Propõe que a vida não se enclausure e continue a ser invenção de possibilidades.

A cidade engarrafada

A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações. [...] Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdã, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos mediocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte (DO RIO, 2003: 29).

Pela via da cidade engarrafada, os carros param pelas avenidas. Trabalhadores afoitos encerram o expediente. Começa a anoitecer. Há certo desespero pelas calçadas, que no vai-e-vem dos pedestres lotam os pontos de ônibus na pressa de chegar a casa. Alguns, na rua mesmo, despem-se do cansado dia-de-trabalho e desejam extrapolar a exploração cotidiana, amontoando-se pelos bares da cidade para exercitar o entorpecimento do período cansativo de atividades, em animadas rodas de conversa. Nos mesmos bares, há também aqueles que em solitários goles de alguma coisa desaceleram e injetam tranquilidade no corre-corre. É preciso paralisar algo para movimentar novas engrenagens e a noite cai.

Mesmo na cidade movimentada em corpos decididos de direção, mesmo entre os que pararam pelas vias, há também os que desviam pela multidão e se conectam no tráfego de informações que derivam. Ali mesmo, no segmento, animam-se processos sutis e que escapam às determinações produzidas.

Os ônibus ainda estão repletos de passageiros e as vias começam a desengarrafar. Muitos já chegaram a sua casa na tentativa de terminarem o dia que vai se encerrando, mas ainda há muito que se fazer na programação. À noite, a cidade vira outra pelas calçadas, o comércio começa a fechar dando entrada a outras circulações. Nas praças já escuras, alguns circulam, outros se quedam pelos bancos, por toda parte a cidade produz espaços vazios, ermos até em que tudo se passa mais devagar. Assusta-se a princípio sua falta de ocupação e funcionalidade aparente, mas muita coisa se opera ali. Por ali, cheiros, vontades, desejos, alguns com determinada dominação, outros permitem o transitar de olhares que se fitam. Pelos bares animados, ébrios, lívidos, alguns começam a enfim tomar o caminho de casa. Outros ainda insistem. Há aqueles também, que já mais tarde, com a noite plena, despídos do dia, saem às ruas determinados...

A cidade à luz da meia noite

A alma da rua só é inteiramente sensível há horas tardia. Há trechos em que a gente passa como se fosse empurrada, perseguida, corrida – são as ruas em que os passos reboam, repercute, parecem crescer, clamam, ecoam e, em breve, são outros tantos passos ao nosso encalço. Outras que se envolvem no mistério logo que as sombras descem (DO RIO, 2003: 37).

Perto da meia noite é sempre assim, costuma perder o sono. Há muito tempo tem hábitos noturnos. Por mais cansado que esteja, perto da meia noite fica inquieto. A leve brisa do sono se vai e se pega totalmente desperto. Frequentemente, sozinho no silêncio do apartamento mexe nas coisas da casa, cuida das plantas ou às vezes interrompe o silêncio da noite com alguma música predileta. Antes, vale ressaltar que o silêncio a essa hora não é exatamente vazio ou ausente de qualquer expressão. Em todo centro de qualquer cidade com algum tamanho deve ser assim. As ruas movimentadas, com seus comércios variados e barulhentos durante o dia dão lugar de madrugada a uma brisa silenciosa de barulho atenuado com seus carros que mesmo em altas horas insistem em circular. Pra onde eles vão? Quais compromissos possuem seus condutores?

O centro de Vitória é um centro como o de qualquer cidade com certo porte nesse país, com aquele certo sincretismo arquitetônico das décadas que influenciam as fachadas. Em algumas ruas, prédios seculares, em outras um prédio sobrevivente de uma década passageira de desenvolvimento discreto. Publicidades de todas as ordens enchem suas fachadas com anúncios dos mais variados produtos.

Contudo, esse centro também possui suas peculiaridades, como um porto acoplado ao canal (ora é braço de mar ora de rio ao sabor da maré) que o recorta e o circunscreve. De madrugada, mesmo com um relativo silêncio, quando há um intervalo entre um carro e outro. Ouvem-se os barulhos ritmados de seu funcionamento. Os sons parecem denunciar os maquinários que os produzem. Tem esteiras, guindastes, e navios agitados que insistem em trabalhar a noite toda. Parece ser um porto bem importante, navios imensos dos mais variados destinos do mundo atracam em sua estrutura, como numa certa coreografia depositam e carregam gigantes contêineres. Que tipo de produto será que é levado ali dentro? Não parece ser fácil adentrar com navios por esse canal tão estreito. Como numa via aquática desde antes da terceira ponte, ainda no mar, existem luzes que sinalizam essa "estrada", no caminho, pedras, ilhas e rochedos exercem seus desafios.

Retornando à condição da noite, quando a cidade dorme e o fluxo de veículos diminui, insone como é nesse horário decide por vezes sair às ruas da cidade. Acaba indo até

Rua 7 mesmo, uma espécie de ponto de encontro entre os moradores do centro com seus botecos repletos de estórias. Lá, entre cervejas, cigarros e iguarias de boteco seus frequentadores realizam animadas conversas. Algumas noites a Rua 7 logo se esvazia, noutras fica repleta de vida como se todos resolvessem fazer uma conspiração coletiva contra o sono e os compromissos matutinos de cada um do dia seguinte.

No caminho, após descer 18 andares de elevador e ganhar a rua passeia pelas calçadas desertas. Curiosamente existe certa "verdade" nas madrugadas de um centro urbano. A rua vazia ganha certos contornos marginais ou de borda se comparada há poucas horas atrás em que seu movimento era exercido por outra lógica de funcionamento. Moradores de rua, usuários de crack, prostitutas, estudantes animados, artistas veteranos da cidade e outras figuras, menos notados durante o agitado dia de comércio intenso, povoam o cenário. Saiu do apartamento, são 00:12, atravessa a via e anda pela calçada da Escola de Teatro, Dança e Música (FAFI), atravessa até a outra via, segue por uma rua silenciosa e chega à Praça Getúlio Vargas. Antes, no trajeto, é abordado por um jovem de olhos vivos e de aparência suja, o rapaz vaga pela noite, mesmo ativo trafega vacilante, está à procura de algo, sugere um programa em troca de dinheiro para pegar "uma parada" na boca. Diante da negativa e percebendo que não haverá nenhuma troca no sentido esperado, sai como um gato esguio na noite.

A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem dos gnomos e dos silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis, de abandono e de inédita filosofia, tipo esquisito e ambíguo com saltos de felino e risos de navalha, o prodígio de uma criança mais sabida e cética que os velhos de setenta invernos, mas cuja ingenuidade é perpétua, voz que dá o apelido fatal aos potentados e nunca teve preocupações, criatura que pede como se fosse natural pedir, aclama sem interesse, e pode rir, francamente, depois de ter conhecido todos os males da cidade, poeira d'ouro que se faz lama e torna a ser poeira - a rua criou o garoto! (DO RIO, 2003: 31).

Essa vida-da-meia-noite-no-centro-de-vitória de alguma forma o mobiliza, produz encontros e afetos singulares, parece que ao adormecer o comércio pode-se ser tomado de assalto por sensações finas sobre sua existência. Frequentemente nesse trajeto, sente-se tranquilo e satisfeito, mas pode também ser tomado de temor e cautela. No silêncio da rua, por um instante sente uma Insustentável Leveza do Ser⁴ ou como se houvesse algo que não se escolhe, que não se premedita, mas faz grande sentido.

Sobre humanos e as vitrines da calçada

A expressão do urbano torna a discussão sobre as subjetividades essencial, pois durante o decorrer do século passado vivenciamos extraordinária mudança das populações para as cidades como forma hegemônica de vida dos homens. Aliado a este processo, em conseqüente advento do capitalismo pós-industrial, pauta-se a vida urbana numa economia de consumo cada vez mais planetária e interconectada pelo avanço das tecnologias. Verifica-se, assim, que ao mesmo tempo que a vivência nas cidades capitalizadas se homogeneiza em diversos pontos do planeta, também produz grandes variações em relação à sua densidade e fluidez.

Para Sueli Rolnik (1997:1), no texto “Toxicômanos de identidade”, “as subjetividades, independentemente de sua morada, tendem a ser povoadas por afetos desta profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delinea cartografias mutáveis e coloca em cheque seus habituais contornos”.

E ela ainda acrescenta:

[...] a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade (ROLNIK, 1997: 1).

As cidades já colonizadas pelo modo de operar descrito acima se apresentam como palco privilegiado de criação de subjetividades, pulverização de modos de ser alinhados com certa estética de consumo, e processos cada vez mais velozes de territorialização e desterritorialização⁵. De certa forma, a virtualidade das novas tecnologias nos “territorializa na desterritorialização”, ainda que a cidade guarde em seu cotidiano processos potentes de criação de singularidades, desvios e resistências. “A cidade nos habita. As subjetividades são produzidas em relação, na concretude de suas ruas e edificações, nas subjetivações tecidas nos encontros” (NOGUEIRA, 2008: 2).

Nessa perspectiva, a cidade não é apenas o palco para o encontro de seus viventes. Os lugares e os cotidianos adquirem grande importância, pois não é apenas o tempo que se passa sobre seus cidadãos que produz subjetividade, mas muito mais a experiência e a espaço praticado pelos mesmos. Ou seja, apesar de as cidades operarem no sentido de uma racionalidade técnica sobre a organização cotidiana das pessoas e das coisas, ao estabelecerem lugares, papéis e produto a consumir, é nesse mesmo cotidiano que o “homem ordinário” inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não

autorizada”, escapando silenciosamente a essa conformação através do que Michel de Certeau (apud DURAN, 2007: 118) denomina “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência”, variando assim códigos e objetos e possibilitando uma re-apropriação dos espaços urbanos.

Os lugares da cidade podem trazer para o cotidiano, através do espaço, territórios e modos de subjetivação. Em alguns espaços da cidade se enunciam “poros” do tecido social por onde, de certa forma, se respira e se engendram novos modos de viver. Em outros, por sua vez, aglutinam-se produções de identidade serializadas.

Há lugares também que se potencializam em certas horas do dia e não têm geografia definida, a não ser pela potência que se mobiliza. Funcionam como dispositivo ativo do tecido social. Podem ser histórica e espacialmente construídos e possibilitam a alteridade e a diferenciação de forças. Ao caminhar pelas ruas de uma cidade, o encontro com a rua pode engendrar subjetividades que de certa forma desviam, ligam-se a outros processos de produção de si⁶ e do espaço. As ruas, as praças, os parques, as edificações e outros espaços de circulação guardam essa potência e paradoxos relacionados aos modos de subjetivação, atualizados a partir do encontro.

É possível também, contudo, que o encontro com a rua produza serialidades, cristalize-se na relação com o espaço, capturando-se assim formas segmentarizadas que fixam identidades. Neste sentido, verifica-se no contemporâneo que a construção de si e do outro, por intermédio dos encontros nas cidades, mesmo com toda a potência das relações no tecido social, passa a ser superficial e protegido em relação à diferença. Marca-se certo regime de exclusão em que se vigiam e se organizam os corpos que pela cidade circulam. Paradoxalmente, na cidade capitalista essa mesma diferença é propagada o tempo todo. Na aldeia global do capitalismo pós-industrial, os corpos são cada vez mais inscritos em sua circulação pela cidade por certa assepsia e impermeabilidade à diferença. Privatizam-se assim os espaços públicos da cidade. Trata-se da cristalização de referências normativas imutáveis, sustentando, por sua vez, identidades hipervalorizadas, um regime identitário figurativo (NOGUEIRA, 2008).

No limite oposto, talvez quem não tenha sido reconhecido por essa inscrição, na tentativa da não aniquilação subjetiva de si, se constua em espaços urbanos vazios, ou desviantes da captura capitalística. Reconhecem-se no improvisado dos locais desterritorializados e a cidade ganha, assim, outros contornos. As mesmas ruas, praças, parques e edificações modificam-se.

Nas cidades modernas, apesar de nascerem como espaços de liberdade e resistência à servidão feudal, engendram-se jogos de forças maquiados pela racionalidade do campo privado que afirma o individualismo. Reforçam-se e se contrapõem identidades em linhas de força de segmentaridade, produzindo valorização de certas identidades em detrimento de outros modos de habitar. Erguem-se, pelos espaços urbanos, muros e cercas reais e simbólicos.

Já no início do século passado, Simmel (1979) destacava a gravidade da afirmação do individualismo, da racionalidade e do dinheiro na vivência das metrópoles. A afirmação do privado sobre a cidade reduz a potência da ação urbana sobre o encontro com o outro, pois este se torna negado. Nessa perspectiva, “[...] os espaços urbanos se tornam simples cenários, sem corpo, espaços desencarnados” (JAQUES, 2006: 127). A mesma autora ainda afirma que os mesmos espaços urbanos, como simples cenários, seguem a perspectiva do espetáculo e os entende:

No sentido de uma ‘disneyficação’ urbana que leva a uma ‘shoppinização’ dos espaços públicos, uma inversão de modelos, se os parques temáticos e shoppings imitavam as cidades tradicionais inicialmente, hoje o que se passa é o inverso, vários projetos urbanos passaram, principalmente de espaços públicos ou áreas históricas patrimonializadas, a imitar os espaços globalizados, securitários e homogêneos dos parques temáticos e shopping centers (JAQUES, 2006: 137).

Na cidade espetacularizada, a rua parece se constituir como algo residual, quase como um obstáculo urbano, e a relação com alteridade na cidade se reduz. O encontro com o outro requer “[...] um exercício ativo de desterritorialização, em que se deixa afetar pela potência diferenciante do outro, à medida que o incorporo” (NOGUEIRA, 2008: 5). Contudo, no domínio do privado, há uma reificação do outro, e a diferença aparece maximizada e reproduzida em mil espelhos, como novos “kits de si” nos outdoors da cidade. Trata-se da radicalização da alteridade, no tecido urbano, no contexto da sociedade do espetáculo e da aparência.

Quando Alice chegou ao parque de diversões da cidade, com tantas opções percorreu o local com admirável desenvoltura. Após algum tempo, já cansada dos brinquedos, tinha a sensação que já tinha experimentado todos. Quando se deparou, num canto do parque, com uma grande estrutura com quase nenhuma fila para brincar. Então, percebeu que ainda lhe faltava um! Tratava-se de uma “Casa dos Espelhos”. Curiosa,

adentrou o espaço e para seu espanto e agitação percebeu-se refletida em mil imagens variantes de si, projetadas em um labirinto sem fim, por onde se perdeu.

Recomeçar, recomeçar, recomeçar de novo!!!

Tomamos aqui emprestado o personagem Carlos do filme brasileiro “São Paulo – Sociedade Anônima”(1965), de Luís Sérgio Person. No final da década de 50, o Brasil passava por um período de euforia desenvolvimentista, atrelada à instalação de indústrias estrangeiras no país. Carlos, um jovem da classe média paulistana, ingressa numa empresa do ramo de automóveis e neste ramo se estabelece, após aceitar um cargo numa fábrica de auto-peças onde acaba se tornando gerente. A progressão na carreira de Carlos é acompanhada por outros papéis que para ele se estabelecem, como de pai e chefe de família. Apesar de uma aparente estabilidade, Carlos parece pressentir, em suas andanças pelas ruas da cidade (que comportam suas angústias, mas também atualizam os afetos de sua existência), o projeto pré-fabricado de vida em que se envolveu. Em crescente ruptura com este projeto de vida, mas sem conseguir construir para “si” um projeto que aplaque suas questões, só lhe resta fugir.

O homem cria a cidade e, assim fazendo, recria a si mesmo. Lugar da vida moderna, por excelência, a cidade é o espaço da arte e da produção: simultânea e contraditoriamente, o lugar da vida é o da exclusão, dos sonhos frustrados e da marginalidade. Vida e morte se encontram na cidade da criação (HISSA, 2006: 88).

No filme “São Paulo Sociedade Anônima”, a cidade e suas ruas são como um grande palco primoroso para seus viventes. Os transeuntes caminham frenéticos para todas as direções enquanto Carlos, atônito, caminha entre os passantes, mais lento que os demais, absorto em seus conflitos. Carlos os vivencia na rua ao lembrar-se de sua relação amorosa com Ana. A cidade de Carlos progredia, se modernizava e ganhava a cada dia novos contornos, protagonizando a vida de seus cidadãos. Era assim também na vida de Carlos, que trabalhava como inspetor de peças em uma fábrica de automóveis e fazia curso de inglês nas horas vagas. A vida de Carlos também se modernizava e a cidade construía para ele um lugar para pertencer. Carlos também “[...] cria a cidade e, assim fazendo, recriava a si mesmo” (HISSA, 2006: 88). Carlos, trabalhador, homem de família, bom cidadão configurado na cidade que se moderniza se desconstroi na rua que, alheia a sua história, acontece e se adianta no concreto.

Já fustigado pela velocidade com que precisa se atualizar no urbano, Carlos sucumbe. Atônito, decide roubar um carro em um estacionamento e fugir o mais rápido

possível daquele lugar. Desorientado, despede-se em igual velocidade à que a cidade urge sobre ele. Já longe dali, ainda na estrada, adormece; pouco depois, acorda para continuar sua fuga. Continua sua empreitada, de carona em caminhão. Ainda muito cansado, acaba dormindo novamente. E quando finalmente acorda, mal consegue acreditar que voltara à mesma cidade de que tentara fugir insistentemente. Perde-se pelas ruas novamente. Refletindo sobre sua epopeia urbana, Carlos diz para si mesmo em pensamentos: “Recomeçar, recomeçar, recomeçar, recomeçar de novo!!”.

Enfim, ao meio dia da vida, parece que Carlos, em seu devaneio, pressente que estará fadado à repetição num ciclo sem fim naquela cidade. Mas também parece querer romper com algo que só conseguiu visualizar em sua fuga até a estrada. Para Carlos, desviar-se, contrapor-se, desconstruir-se parece ser sempre um processo vivenciado pelas ruas, onde pode encontrar, entre a pressa dos passantes, um poro possível de respiro. O tempo então alonga-se e produz diferença, dando espaço à criação de novos modos de viver.

Concluindo...

Este texto foi motivado pela pesquisa de dissertação sobre a experiência de Reforma Psiquiátrica Brasileira, principalmente no que se refere aos seus dilemas e contradições atuais, que se foram desenhando nas ultimas décadas. Partimos deste ponto, pois mesmo que relativamente jovem e no bojo da Reforma Sanitária⁷, também experienciada no país, muito da produção deste campo se fez a partir de experiências inovadoras que buscaram romper com as tecnologias de mortificação da vida e biopolíticas que não cansam de se atualizar.

Nesse sentido, ressaltam-se as atualizações manicomiais em que a vida de sujeitos e grupos é segregada, reificada, controlada - ironicamente, em nome da própria vida. Mas sabemos que uma vontade de vida quer uma intensificação de potência e não o seu controle.

A legitimação de leis e normas que, a partir desses processos, será necessário inventar passará ser confundida com a própria vida?. Como observado por Agamben (2004), “uma lei que pretende fazer-se integralmente vida encontra-se hoje cada vez mais frequentemente diante de uma vida que se desanima e mortifica em norma” (p.193).

Contudo, a vida que se mortifica em norma não se caracteriza apenas na atualidade. Sabe-se que “o termo biopolítica designa a maneira pela qual o poder tende

a se transformar, entre o fim do século XVIII e começo do século XIX, a fim de governar não somente os indivíduos por meio de certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população: a biopolítica – por meio dos biopoderes locais – se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida em que elas se tornam preocupações políticas”. (REVEL, 2005: p. 26).

Na discussão entre o público e o privado apresentada, ganha relevo o impacto do capitalismo industrial que iria desgastar o sentido da vida pública como um espaço moralmente legítimo. A reformulação do secularismo iria resgatá-lo enquanto uma esfera impessoal, já que nenhum fato imediato poderia ficar restrito, a priori, ao campo da vida privada ou ser despido de qualidades psicológicas. Contudo, essas duas forças não são suficientes para explicar como a história, na qualidade de domínio público, foi se despedaçando. É necessário considerar também a cultura pública urbana enquanto uma força conservadora, que mantinha alguns sinais do domínio público do Antigo Regime e que foi se transformando por dentro e lentamente - como podemos perceber, por exemplo, através da formação da personalidade.

A erosão do equilíbrio entre o domínio público e o domínio privado é resultante de uma mudança que começou com a queda do Antigo Regime e a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista. Além disso, é também resultante de quatro condições psicológicas.

A primeira condição foi o desvendamento involuntário da personalidade. Hoje em dia são comuns as expressões "fazer algo inconscientemente" ou "cometer um ato falho", que revelam aos outros os autênticos sentimentos de alguém. Isto demonstra a crença na exposição involuntária de estados psicológicos, que começou a ganhar força no século passado, quando as pessoas achavam que suas roupas e seu discurso demonstravam as suas personalidades.

A segunda condição foi a superposição dos imaginários público e privado, que se caracteriza pelo discurso político atual. Um líder político ganha confiança e credibilidade, muitas vezes, não pelas suas ações ou projetos sociopolíticos, mas sim pelo seu tipo de personalidade, pela exposição de sua vida privada. Essa superposição é consequência de confusões comportamentais e ideológicas entre o espaço privado e o espaço público, que surgiram no século XIX.

A terceira condição foi a defesa, através do retraimento e do silêncio, contra a própria crença no desvendamento involuntário da personalidade e contra a superposição

dos imaginários privado e público. Já que não se podia evitar mostrar o que se sentia, a única defesa seria evitar sentir, ou tentar não ter sentimentos a exibir.

Finalmente, a quarta condição psicológica foi a defesa através do silêncio. O silêncio em público era um meio através do qual se podia experimentar a vida pública sem se sentir vulnerável.

Para Sennett (1988), cumpre pensar na herança da crise da vida pública no século passado, de um lado, e de outro nestas quatro condições psicológicas:

As obsessões com a individualidade são tentativas para se solucionar os enigmas do século passado pela negação. A intimidade é uma tentativa de se resolver o problema público negando que o problema exista. Como acontece com toda negação, isso só serviu para entrincheirar mais firmemente os aspectos mais destrutivos do passado. O século XIX ainda não terminou (SENNETT, 1988: 44).

Referências

- AGAMBEM, G. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua 1*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- BARROSO FILHO, W.; BARROSO, M. V.; PAULINO, I. R. A questão do narrador e as duas insustentáveis levezas do ser: no romance e no filme. In: *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*, Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, v. 14, n. 2, p. 66-77, 2012.
- BENJAMIN, W. Rua de mão única. In: _____. *Obras escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CERTEAU. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2, morar,cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.
- COUTO, R. *A cidade do vício e da graça: vagabundagem pelo Rio noturno*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1924.
- DELEUZE, G. *Le cours de Gilles Deleuze. Cours Vincennes, 24 jan. 1978*. Tradução de Francisco Traverso Fuchs. Disponível em: <www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=>. Acesso em: 21 jan. 2012.
- DELEUZE, G. *Mil platôs*, v. 3. São Paulo: Editora 34, 2004.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Junior e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

- DO RIO, J. A. *Alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DURAN, M. C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez, 2007. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?ddl=1577&dd99=pdf>. Acesso em 15 mar. 2013.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- HISSA, C. E. V. Ambiente e vida na cidade. In: BRANDÃO, C. A (Org.). *As cidades da Cidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- JACQUES, P. Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade. In: JACQUES, P.; JEUDY, H. *Corpos e cenários urbanos*. Salvador: EDUFBA, 2006.
- LAVRADOR, M. C. C. *Loucura e vida na contemporaneidade*. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Vitória, 2006.
- LAVRADOR, M. C. C.; MACHADO, L.D.M. Configurações contemporâneas do público e do privado. In: SILVA, A.A.; BARROS, M.E.B. (Orgs.). *Psicopedagogia: alguns hibridismos possíveis*. 2000.
- NOGUEIRA, M. L.; SANDER, J. A cidade: o jogo da alteridade. *Corpocidade: debates em estética urbana 1*, Salvador/BA, 2008. Disponível <www.corpocidade.dan.ufba.br/arquivos/resultado/ST4/MariaNogueira.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2012.
- PEPE, V.L.E. (coord.). *Assistência farmacêutica em foco no estado do Rio de Janeiro: normas e documentos para ação*. INTRODUÇÃO. 2ed.rev. e atual./coordenação por Vera Lúcia Edais Pepe e Miriam Ventura. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Oswaldo Cruz; Escola Nacional de Saúde Pública; Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, 2011.
- PERROT, M. *História da vida privada 4: da revolução francesa à primeira guerra*. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997.
- SÃO PAULO Sociedade Anônima. Direção: Luiz Sérgio Person. Distribuidora: Videofilmes. Ano: 1965. Brasil. DVD (111 min.)
- REVEL, J. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Clara Luz, 2005.
- SENNETT, R., *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIMMEL, G., A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar/Biblioteca de Ciências Sociais, 2.

Anselmo Clemente e Cristina Campello Lavrador fazem parte do Mestrado em Psicologia Institucional da UFES

E-mail: cristinacampello@uol.com.br

¹“ O que é uma afecção do seu corpo? Não o sol, mas a ação do sol ou o efeito do sol sobre você. Em outros termos, um efeito, ou a ação que um corpo produz sobre outro – note-se que Spinoza, por razões decorrentes de sua física, não acredita em uma ação à distância: a ação implica sempre um contato – é uma mistura de corpos. A afecção [affectio] é uma mistura de dois corpos, um corpo que se diz agir sobre outro, e um corpo que recolhe o traço do primeiro. Toda mistura de corpos será chamada de afecção” (DELEUZE, 1978).

² O texto “Os jardins dos poetas, ladrões, soldados e mendigos” foi publicado parcialmente no formato de artigo para o Caderno Pensar, do jornal *Gazeta do Estado do Espírito Santo*, dia 23/02/2013.

³ Utilizamos o termo errância no sentido daquilo que transpõe a oposição entre verdadeiro e falso, entre certo e errado. A noção de errância “[...] deve ultrapassar a oposição metafísica do verdadeiro e do falso, do erro e da verdade” (DELEUZE, 2004: 90). A errância tem uma positividade que não é derivada de nenhuma totalidade, que é irreduzível a qualquer tipo de unidade e de finalidade. Ela está para além do erro e do acerto ou do errado e do certo, ela simplesmente faz parte da vida (LAVRADOR, 2006).

⁴ *A Insustentável Leveza do Ser*, romance publicado por Milan Kundera em 1984, narra as vidas entrelaçadas de Tomas, Tereza e Sabina. “Como bem confia o narrador-autor, Tomas nasce sob a luz do pensar filosófico a respeito do mito nietzscheano do Eterno Retorno e das discussões acerca dos polos contrários de filósofo pré-socrático Parmênides, especialmente o peso e a leveza. [...]. Tomas e as demais personagens com as quais se relaciona, especialmente Tereza e Sabina, não podem ser desvinculados seja do incômodo Eterno Retorno nietzscheano, seja das contradições de Parmênides [...]. Com Tereza e Sabina, Tomas vive um triângulo amoroso onde o peso do amor de Tereza se contrapõe à leveza existencial de Sabina, tais relações são representativas de uma busca de Tomas não pelo outro, mas por si mesmo, pelo equilíbrio entre os polos negativos e positivos de Parmênides [...]. A consciência quanto às incertezas ou a impossibilidade mesmo de retornar faz a vida ser tratada como um esboço, em que cada momento deve ser vivido e experimentado como único, pois, num mundo fundado pela inexistência do retorno, tudo estará perdido tão logo seja vivido” (BARROSO FILHO; BARROSO; PAULINO, 2012: 69).

⁵ “A desterritorialização e a reterritorialização se cruzam no duplo devir. Não se pode mais distinguir o autóctone e o estrangeiro, porque o estrangeiro se torna autóctone no outro que não o é, ao mesmo tempo em que o autóctone se torna estrangeiro a si mesmo, à sua própria classe, à sua própria nação, à sua própria língua: nós falamos a mesma língua, e todavia eu não entendo você...” (DELEUZE; GUATTARI, 1992: 142); “O mais importante é avaliar os movimentos de desterritorialização e de reterritorialização, e [...] perguntar: quais são suas linhas, indivíduo ou grupo, e quais os perigos sobre cada uma delas? (DELEUZE; PARNET, 1998: 166).

⁶ A noção de ‘si’ para Foucault (1984: 28) “[...] implica também certa relação a si; essa relação não é simplesmente ‘consciência de si’, mas constituição de si enquanto ‘sujeito moral’, na qual o indivíduo [...] age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se”.

⁷ A partir do processo de redemocratização do país depois de décadas de ditadura, o movimento da Reforma Sanitária Brasileira questionava a realidade de exclusão, da maior parte dos cidadãos, do direito à saúde. Apenas os trabalhadores que contribuíam com o Instituto Nacional de Previdência Social tinham acesso ao serviço de saúde, ainda que de maneira “contraprestacional e da cidadania regulada”. A VIII Conferência Nacional de Saúde (CNS), realizada no ano de 1986, contou com a participação de técnicos do setor saúde, de gestores e da sociedade organizada, propondo um modelo de proteção social com a garantia do direito à saúde integral. Em seu relatório final, a saúde passa a ser definida como o resultado não apenas das condições de alimentação, habitação, educação, trabalho, lazer e acesso aos serviços de saúde, mas, sobretudo, da forma de organização da produção na sociedade e das desigualdades nela existentes (PEPE, 2011).